

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e Ilhas: trimestre ou 6 numeros... 12000 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 * Numero avulso... 3000 *	N.º 69	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## ANTHERO DE QUENTAL

Foi por uma noite chuvosa de inverno que eu o vi pela primeira vez.

No seu quarto modesto da rua da Fé fallou quasi tres horas seguidas, emquanto cá fóra a agua caia em grossas bategas interminaveis.

Magro, avelhentado, pallido, a fronte espaçosa e alta, a barba comprida, de um louro suave e esbatido, e em toda a sua figura alguma cousa de religioso e calmo, de certo não estava ahí já o fogoso batalhador das *Odes modernas*, o entusiastico e vehemente pamphletario da *Questão de Coimbra*, o vibrante conferente do Casino; mas todas essas diversas phases da sua individualidade litteraria e social como que se lhe desenhavam na physionomia, embora fundidas n'uma phase superior, a do auctor dos *Sonetos*, sendo essa linha serena e resignada a que n'elle predominava agora e lhe dava um encanto indefinivel e inolvidavel...

Eu fóra agradecer-lhe uma carta em que elle accusava a recepção de um volumesito que lhe dedicára, e logo o seu grande espirito, esquecendo a obscuridade do meu nome, me forçava delicadamente a uma palestra em que —claro está— quasi sempre me limitei a ouvir.

Julgo que n'essa noite, que não esquecerei mais, Anthero fallou de tudo; e o que breve me surpreendeu nas reflexões e nos conceitos de que bordou a sua palestra unica, foi o cunho largamente social e humano, o intuito generoso e alto de todos elles.

Não era um litterato que estava fallando; era um pensador, e sobretudo um pensador occupando-se mais do efeito *activo* dos seus postulados do que do seu aspecto especulativo.

Citou-me muito livro e occupou-se de varios homens; n'uns como n'outros o que notei que elle frisava sempre era a porção de caracter real que esses livros ou esses homens mostravam possuir, e raro o ouvi referir-se á belleza plastica da fórma litteraria de qualquer trabalho, e sim á belleza esthetica da sua idéa dominante.

Fallando, por exemplo, de Zola citou-me *Au bonheur des Dames* como um dos melhores trabalhos do poderoso romancista, que n'este livro descreveu e estudou a lucta do pequeno commercio e da pe-

quena industria contra os grandes armazens e officinas; e apreciando a vasta obra do auctor do *Germinial*, o que n'elle vi que o fazia vibrar, não eram as bellas paginas de uma *ampleur* soberba e de uma factura larga, que Zola tem prodigiosamente espalhado nos seus volumes, mas os assumptos que n'elles revolve, e o largo sopro social que em todos elles passa—às vezes como um tufão...

Ora é esta preocupação constante de procurar a nota humana, e o instinto da solidariedade através da produção do escriptor que, quanto a mim, caracteriza mais fortemente Anthero de Quental, e que, pela sua persistencia e pela sua integridade, me dá o feitio intellectual e moral do seu grande espirito, para o qual pensar era, como disse Spinoza, identificar-se com a natureza e tornar-se uno com ella.

Não, não procurem n'elle um parnasiano requintado e subtil, deliciando-se extasiado apenas com o burilamento de um verso, com o *som*, a *côr* e o *feitio* de uma simples phrase, de uma breve palavra; procurem sim, e principalmente, um cerebro possuido da febre de agitar idéas, de renovar sentimentos, de fixar impressões...

Nem mesmo quando era ainda o revolucionario audaz que punha medo nos corações burguezes, que espantava a Ordem e se permitia discutir o Poder, nem mesmo n'essa quadra aventureira da sua mocidade revolta, Anthero de Quental fez alguma hora arte, litteratura ou politica por qualquer d'estas cousas em si.

Diante de mim tenho varios dos seus folhetos da *questão coimbrã*, e já então, aos vinte e cinco annos, a feição meditativa e catechisante da sua intelligencia avultava n'essa por mais de um titulo curiosissima polemica.

Assim, n'um d'elles, *Bom senso e bom gosto*, depois de alguns dos mais bellos periodos que em linguagem portugueza tenho lido, periodos que recordam Herculano, e que ficarão na historia da nossa lingua como testemunho vivo do que se pôde conseguir com ella, Anthero escreve, definindo com o calor de um inspirado a missão do escriptor e do poeta:

«As grandes, as bellas, as boas cousas só se fazem quando se é bom, bello e grande. Mas a condição da grandeza, da belleza, da bondade, a pri-

meira e indispensavel condição, não é o talento, nem a sciencia, nem a experiencia: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma, e a dignidade do pensamento e do caracter. Nem aos mestres, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas creanças. Nesta escola do trabalho, da dignidade, das altas convicções, se formam os homens em cujos peitos a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sede de verdade, de consolações, de ensinso para a intelligencia e confortos para o coração.»

E sempre esta nota passa nas produções do seu espirito, como um motivo favorito.

Na notavel e suggestiva conferencia que em maio de 1871 fazia no Casino, sobre as causas da decadencia dos povos peninsulares, conferencia em que pulularam os pontos de vista generosos e altos, o que em cada pagina se destaca por assim dizer mais nitido, é o seu forte sentimento de fraternidade moral perante as duras mas inevitaveis calamidades que arremessaram a nossa altiva e nobre raça das dianteadas da civilisação para os abysmos da impotencia e para os negrúmes da ignorancia... E a indignação que por vezes se lhe adivinha através da sua imperturbabilidade de critico e de philosopho não a sente por havermos caído, mas pelos motivos que nos fizeram cair:— motivos moraes sobretudo!

N'essa conferencia, que merecia ser distribuida até nas escolas primarias, tão repassada de elevação civica e de dignidade historica são todas as suas affirmativas, o que transparece a toda a luz não é apenas uma séria cultura historica, mas uma perfeita integridade de pensamento que, destrinchando nos homens e nos factos o que elles têm de incontaminado e de bello, e o que é precivel e turvo, só rende preito á Verdade, quer ella seja por nós ou contra nós...

Passo em claro entre muitos outros trechos da sua obra, o seu livro de combate *Odes modernas*, que nas mesmas violencias do verso tem em si a expliçação de tão momentanea crise de revolta, e chego á última evolução da sua vida intellectual: á do autor dos *Sonetos*.

Aqui mesmo, já foi apreciada essa obra unica na litteratura portugueza contemporanea, e que mereceu ser traduzida em allemão, e não vou, portanto, repisar o que então escrevi melhor ou peor.

Se tivesse tempo, erudição e espaço commentaria porventura alguns d'esses sonetos, que são largas syntheses de philosophia, dando-nos os diversos módulos da physionomia intellectual de Anthero; na impossibilidade absoluta de o fazer, chamo para elles a attenção dos que pensam ou pelo menos desejarem saber como se pensa...

Antes da edição definitiva realisada pelo sr. Oliveira Martins, Joaquim de Araujo publicára já em 1880 uma serie d'elles, e por essa occasião (1882), se me não engano, escrevia Anthero um folhetim, *A poesia na actualidade*, a proposito da *Lyra íntima* que aquelle poeta acabava de fazer sair.

N'esse artigo, escripto no mesmo estylo elegante, sobrio e terso que foi sempre o segredo de Anthero, estylo que lhe vinha do fundo mesmo do seu ser intellectual e psychico, tentava elle provar que a poesia estava morta e citava como prova a obra de Heine que «escarnecendo o que adorava, fazendo a satyra da propria commoção, elevando o scepticismo á categoria de uma esthetica, chorando e rindo — rindo do proprio choro, chorando do proprio riso — desenhava a figura tragica da ultima musa, aquella que, como o anjo do ultimo dia, vinha entoar o *consummatum est* sobre os destros do antigo sentimento poetico, e quem sabe se de todo o sentimento...»

Acrescentando ainda:

«O riso cheio de fel e lagrimas de Heine foi o suor da agonia, o suor de sangue da poesia, que a prosa racional, decididamente e universalmente triumphante no mundo, ia pregar n'um madeiro dizendo-lhe: «Se és filha de Deus livra-te a ti mesma!»

E sabem a razão que Anthero dava para considerar morta a poesia? não ter ella que dizer ao mundo que a este valesse a pena parar para escutar, pois que, subjectiva, ella não lograria interessal-o, e objectiva não conseguiria produzir obra de vulto, como o corroborava a propria tentativa de Goethe, que:

«alheia á commoção espontanea, a final se resume toda n'um sabio *diletantismo*, que n'elle e em mais dois ou tres chega a parecer grandioso, mas sem nos commover.»

É o philosopho que falla, não é o poeta, que assim tão injustamente se tratava a si proprio.

Anos depois haveria, felizmente, de pensar n'este assumpto de modo diverso, mas então, como sempre, o criterio a que tudo subordinava era que toda a obra do pensamento obedecesse a um alto fim humano e civilizador, que se identificasse com os destinos da especie e com os sentimentos de justicia, de verdade e de amor, que devem ser o fundo da consciencia.

Mas, facto curioso, era o mesmo espirito que assim pensava, fazendo mais ou menos perceber que a arte pela arte é um mister inferior ás nobres preoccupações de quem se sente ligado pela corrente dos sentimentos e das idéas a outros espiritos seus irmãos, que nos seus sonetos se tornava de uma exigencia de factura tocando pelo despotismo!

Estranhas, constantes e singulares contradicções d'este pobre animal incomprehensivel, a que ostentamente chamam o rei da creação!

Estas contradicções, comtudo, é que felizmente me dão o *homem*, e, no caso sujeito, prendem Anthero á porção contingente de materia pela qual elle tinha de se assimiliar a nós.

Depois, ellas têm aqui um valor inestimavel, porque nos vem mostrar como é que todo o verdadeiro philosopho é realmente e inteiramente um artista, consciente ou inconsciente, e como, portanto, Anthero o era, mesmo quando imaginava estar provando-nos o contrario.

Por felicidade até para elle, e para o ideal portuguez n'este ultimo quarto de seculo, não só foi um

artista na idéa, mas um grande artista na palavra, e ha trechos de prosa, pedaços de verso e muitos e muitos sonetos seus, que hão de ficar na historia da nossa litteratura como o superior modelo que de si podem deixar uma epocha e uma lingua.

E no emtanto — oh suprema miseria da nossa condição! — essa grande intelligencia que era a efflorescencia de um grande caracter, esse pensador que tão alto collocava o seu ideal, que tão exigente era consigo, e tanto e tanto desejava ver calmo o espirito do maior numero, que para o não conturbar ou affligr muitas paginas rasgou e innumerous versos destruiu, só porque receiava poder envenenar com produções do seu cerebro a felicidade que deve ser para todos; esse philosopho que pesava e media a responsabilidade das suas affirmações e as consequencias dos seus theoremas, e que, conhecendo o vacuo de todas as illusões, não queria no emtanto contribuir para desfolhal-as; esse homem a quem os intimos chamavam *santo*, e a quem a opinião cognominava *um bom*; esse austero, esse stoico, esse luctador, deu-nos a todos os que nas agruras da Vida precisámos dos fortes estímulos e dos redemptores alentos, o mais desanimador e mais dissolvente exemplo que ainda poderia haver partido de um combatente e de um justo!

Elle que tanto prezava os bellos typos heroicos da resistencia e do dever, e que seguramente desejaria haver sido um martyr, se com o seu martyrio comprasse a tranquillidade moral ou material dos desgraçados e dos proletarios, que sobretudo, para evitar a tristeza alheia, sacrificaria a propria, e que despedaçava contente, n'um simples segundo, o fructo de algumas horas ou de alguns mezes de concentração de cerebro, e a flor cerulea e casta do seu pensamento quando este lhe havia saído em extremo doloroso e triste; para, como dizia, não augmentar mais no mundo a onda do desespero que já era tamanha, elle deixa-se assoberbar por ella, e parte, allucinado e vencido, a cadeia que á existencia o jungia, legando-nos d'ella pedaços gelados e informes, que nós não podemos, que não sabemos lidar!

Triste, triste.

Porque é preciso que fosse realmente bem lancinante e bem longa a tortura de Anthero, é preciso que o seu claro e superior entendimento se houvesse de todo nublado pela loucura ou pelo soffrimento, para que elle fosse pedir á bôca de um revolver a libertação suprema da morte.

E causa tanto maior assombro isto, sabendo-se como Anthero parecia estar ultimamente um conforçado e um paciente, procurando achar na sociedade e na vida uma razão de ser mais transcendente e mais alta, que naturalmente occorre a todos perguntar se o suicida de hontem era realmente e integralmente aquelle mesmo cerebro, vigoroso e amplo, em cujas paredes se haviam formado e desfeito as mais tremendas e assoladoras tempestades que porventura podem accommetter algum.

Eu a tal pergunta responderia negando, porque não creio que um espirito d'aquella tempera, avaliando os compromissos de solidariedade moral que o uniam ao seu meio, á sua geração e ao povo em cuja lingua fallára e escrevera, voluntariamente fizesse da lucta pela porta falsa do suicidio, elle que sem duvida não ignorava aquellas secas, mas quasi justas palavras do seu mestre Proudhon: *O suicidio é uma bancarrota fraudulenta*.

Por mim prefiro, pois, julgar que a enfermidade que ha tanto o vinha minando, attingindo acaso os centros mais altos do seu ser intellectual, um momento — momento tragico e decisivo — lhe apagou a brilhante luz intima que o guiava, e o deixou desorientado e perdido, como uma véla isolada no mar alto e sem fim...

Se não for isto, então comprehendem bem que teremos de ir procurar uma causa diversa que nos explique esse desconsolador ponto final posto por uma bala n'uma existencia de tal preço.

E será n'este caso mister suppor que entre nós se chegou realmente não ao fim de um seculo, como agora dizemos, mas ao fim de uma raça e de um povo, poisque os melhores, mais nobres e mais gloriosos filhos d'esse povo e d'essa raça já voluntariamente emigram da existencia e liquidam com ella a sua conta corrente.

Hontem Soares dos Reis, Camillo, hoje Anthero, amanhã... quem irá amanhã?

As nações que morrem têm sempre grandes poetas que as canonisam na historia e que as fixam na civilisação; no seculo XVI nós tivemos Camões; no seculo XIX serão tambem Garrett, Herculano, Anthero, que nos tecerão com os seus carmes de oiro a tunica brilhante, mas tunica de morte, em que havemos de envolver-nos ao desaparecer para sempre?

Mal me atrevo a imaginal-o, e sobretudo nem quero pensar se os suicidios d'esses extraordinarios espiritos serão talvez um prenuncio do suicidio da patria.

Como se perdeu já aquelle bello equilibrio mental que um minuto foi o nosso timbre e a nossa força, e a epocha é de enfermidades psychicas de diversos generos, tambem por mim não tenho lucidez para ver a frio se o desaparecimento voluntario de alguns dos mais graduados tripulantes d'este velho galeão sem mastros, em que todos vamos, é signal certo de que elle se desconjuncta já, ou se o Destino exige apenas que lhe paguemos a nossa salvação, dando-lhe como tributo as vidas mais caras dos nossos capitães...

Peço antes a esse Destino, — visto que Deus talvez já nos não ouça, — que seja a ultima hypothese a verdadeira, a ter de dar-se alguma d'ellas, poisque ao menos nenhum povo pagaria tão caro como nós o direito á vida, porque de nenhum sei que modernamente lhe haja dado em holocausto espiritos de igual quilate.

Demais, isso justificaria aos olhos da historia o atentado de Anthero, que ainda n'uma carta, que tenho diante de mim, escrevia entre outras bellas cousas, estas significativas e luminosas palavras:

«Pois o que vale o escriptor sem o homem? E não é o caracter a melhor parte do talento? as nossas melhores inspirações vem-nos quasi todas d'esse fundo.»

E mais adiante:

«A melancolia é irmã gemea da grave meditação. O primeiro tributo que o pensamento paga á realidade, quando começa a entrever-lhe os formidáveis aspectos, é esse, da alegria inconsciente dos simples. Por tal preço se compra a intimidade com a parte secreta das cousas e do nosso proprio coração.»

E, terminando, diz-me que quem é melancólico:

«Preferirá sempre a sua melancolia, rica de revelações moraes e de austeros encantos, ao contentamento animal ou á frieza indifferente da intelligencia egoista, que, por ser intelligencia, se julga dispensada de ser humana.»

Ora, quem assim tão nobremente affirmava o seu sentir não se demittia de pensar, de viver, de amar, por muito fundos e fortes que fossem os espinhos que o pungissem, se esses espinhos fossem apenas *humanos*; portanto só fóra da realidade objectiva dos motivos que podem condicionar os nossos actos, e em virtude de alguma amargura subjectiva, impossivel de combater e de supportar, é que o recto espirito, que de tão poderosas idéas estava cheio, poderia n'um rapido instante fazer em si a noite impenetravel e eterna...

Como quer que seja, esse desequilíbrio produzido na orientação da consciencia portugueza, subitamente lançada fóra do seu eixo pela defeccão de um dos elementos que mais a esclareciam e nobilitavam, tarde ou nunca se compensará.

No dia em que Anthero de Quental fechou o seu coração e o seu cerebro aos rutilos clarões que vinham da sua propria consciencia, n'esse dia, a philosophia portugueza deixou de ter um representante na civilização contemporanea, a moral, a poesia e a arte perderam um dos seus mais devotados e superiores pioneiros, e a nossa especie ficou amputada de um dos membros que mais a honravam e engrandeciam.

Victima, porventura, primeiro, da traiçoeira deccença que lhe não consentia que traduzisse em fructos todos os ricos germens de erudição, de talento e de verdade que lá dentro trazia, depois do triste e pequeno meio em que teve de viver, e que, quem sabe se adormentando-o e entorpecendo-o, lhe não quebrou na alma a mola da vontade, Anthero de Quental realisou por um momento o supremo ideal de um grande cerebro ao serviço de um grande caracter; e o facto de, ainda não ha muito, quando se imaginou poder acordar este povo para a lucta e para a reabilitação, o seu nome haver tido, para presidente da Liga Patriótica do Norte, a unanimidade das opiniões, especie de hegemonia intellectual e moral conferida espontaneamente ao mais puro e ao mais digno, é a prova eloquente e inilludivel de como elle era para todos um symbolo da perfeita dignidade, da altiva confiança e da intemerata honra, postas ao serviço de uma serena e incorruptivel consciencia...

E tão forte e tão transparente era a luz que irradiava a sua privilegiada cabeça, que elle, que fóra o espanto do burguez, e creio que o terror de todos os interesses conservadores, conseguira impor-se á

sympathia e, o que é mais, ao respeito d'esses interesses, sem por outro lado haver perdido o mysterioso e fundo prestigio que as camadas operarias de ha muito lhe consagravam.

Socialista, na accepção completa da palavra, em toda a vida deu provas da conformidade dos seus actos com os seus principios, seguindo assim a sentença de Kant; e, procurando a felicidade do maior numero, a essa abençoada e risonha chimera sacrificou sempre a quietação do seu espirito, os seus interesses, e tantas vezes a sua saude e o seu bem estar.

O seu simples nome ha de certamente constituir lenda n'esse mundo de trabalhadores dedicados e sinceros, e o seu perfil — o perfil suave e bom de um santo e de um justo — viverá, talvez, sobre um fundo de lagrimas na memoria ingenua d'esses que elle muito amou.

Mas viverá tambem — para honra de todos nós, assim o espero — na memoria de quantos conheceram o seu espirito, redivivo e flagrante, ainda agora nas mais simples linhas que da sua penna saíram.

N'um periodo em que parece que só o oiro triumphava e só o egoismo domina, a recordação d'esta fidalga e erecta figura, *fazendo profissão de pensar*, e vivendo no commercio exclusivo das idéas e na communhão divina do espirito, sem tergiversações e sem baixezas, é das que fortalecem a alma e dignificam a especie; por isso, esse desfalecimento da ultima hora, que Deus sabe, apesar da contradicção que parece denotar, que soffrimo representou, lhe ha de não só ser perdoado pelos que muito o amaram, mas esquecido pelos que, presentindo quanto é arriscada e incerta a unidade do ser moral, reconhecem a necessidade de perdoar pela impotencia de comprehender...

AFFONSO VARGAS.

#### SONETO INEDITO DE ANTHERO

Do eminente escriptor, o dr. Theophilo Braga, a quem haviamos pedido qualquer trecho inedito de Anthero, recebemos o seguinte que muito agradecemos:

Meu amigo. — Escolhi esse Soneto, que julgo inedito, porque não vem nas *Odes modernas*, nem nos *Sonetos completos*, para cooperar com a sua Revista na homenagem a Anthero. Este Soneto é immensamente caracteristico pela negação absoluta em que entrava o espirito do poeta, ate chegar á idealização da morte e do Nirvãna buddhico.

Merece ser conhecido esse documento psychologico. — *Theophilo Braga*.

Homem! Homem! mendigo do Infinito!  
Abres a bóca e estendes os teus braços  
A ver se os astros cõem dos espaços  
A encher o vacuo immenso do Finito!

Porque sobes á rocha de granito?  
Porque é que dás no ar tantos abraços?  
E cuidas amarrar com ferreos laços  
Um reflexo da sombra d'um espirito?

Vê que o céu por escarneio a luz nos lança!  
Que á tua voz a voz da immensidão  
Responde com immensa gargalhada!

A idéa fechou a porta á esperança,  
Quando lhe foi pedir gazalho e pão...  
Deixou-a cara a cara com o Nada!...

Maio de 1863.

ANTHERO DE QUENTAL.



ANTHERO DE QUINTAL

## O RETRATO DE ANTHERO

É copia do soberbo retrato, que do grande pensador fez Columbano Bordallo Pinheiro, a gravura que n'este numero damos, e que devemos á muita amabilidade dos proprietarios da *Revista Illustrada*, os srs. dr. Marianno Level e Antonio Maria Pereira, que gentilmente nol-a cederam.

Do retrato em si não diremos senão que bastava a maneira como Columbano fixou na tela essa expressiva e estranha cabeça, para nos dar a medida do seu grande valor como pintor psychológico, como artista que no seu modelo não vê apenas a conformação physica do retratado, mas o seu *feito* intellectual, a sua physiognomia pensante, e que, longe de se contentar com a simples similhaça exterior da figura, procura surprehender — e surprehende — a linha mysteriosa e fugidia, mas humana e caracteristica, do espirito que tem defronte de si.

Este retrato, por exemplo, em que alguns acharam ao principio tons calavericos, é uma obra quasi de intuição psychica e de reconstituição cerebral, e Anthero de Quental apparece-nos n'elle tal como elle era e como estava sendo n'este ultimo periodo da sociedade portugueza: — um morto em meio dos vivos ou, talvez melhor, por uma especie de transcendente contradicção, um morto-vivo entre vivos-mortos.

Como quer que seja, elle era aquillo que Columbano viu e pintou em traços de mestre, e os que tão leviana ou tão inscientemente têm apreciado este poderoso artista, desigual, mas profundo e verdadeiro, que só perde por estar fóra da sua epocha ou por não poder ser devidamente comprehendido e aquilatado, fariam bem em engular a tempo os seus respectivos desdems, para não terem mais tarde de se ver engulidos — elles e mais as correspondentes opiniões — por uma geração mais educada em *ver* e melhor apercebida para sentir, e que perante obras como esta de que fallámos, aquilatará bem quem era e o que significava na pintura o singular e vibrante pincel que a produziu.

Quem conheceu Anthero e viu o quadro, sabe que não ha o menor exagero no que aqui fica escripto, poisque basta olhar o para que n'elle transpareça logo a nobre individualidade que concebeu os *Sonetos*. Quem não conheceu um nem viu o outro terá pela gravura a possivel idéa que ella pôde dar do quadro e do *homem*, visto que, sendo perfeita na sua execução technica, já deixa adivinhar e bem, como era o vulto que n'este momento o pensamento portuguez pranteia.

O resto só pôde conseguil-o o retrato que, temos muito gosto em o repetir, é uma verdadeira obra prima de pintura psychologica, mostrando-nos Anthero tal qual elle foi.

ARFONSO VARGAS.

## MEMORIAS DE TOLENTINO

(Pelo Visconde de Sanches de Baëna)

Lisboa, 1886; 1 vol. in-4.\*

Nem só dos personagens e factos que um largo periodo separa de nós, temos hoje noticias incompletas, e muitas vezes não authenticadas.

Homens e acontecimentos recentes, quasi contemporaneos, andam envolvidos em lendas mais ou menos verosimeis, que, mercê das deploraveis condições em que a maioria dos nossos escriptores se vêem obrigados a trabalhar, condições originadas, em parte, nas multiplas e varias difficuldades que cercam o lavor historico n'um paiz como o nosso, onde os documentos, as memorias, os vestigios do passado não tem merecido os cuidados e attentões que lhes são devidos, — conseguem manter-se, por longo tempo, como verdades definitivamente conquistadas.

E assim que a figura de Tolentino, — morto ha oitenta annos, apenas, — andava falseada por um grande numero de anachronismos e inexactidões. Veu proval-o o apreciabilissimo estudo do senhor

Visconde de Sanches de Baëna, publicado em 1886, sob o titulo que me serve de epigraphe.

Sabendo que não se faz historia sem documentos, e posto ao abrigo das exigencias tyrannicas do trabalho remunerado, pôde esse escriptor avivar as linhas, já obliteradas, do perfil tão expressivamente caracteristico do poeta, — perfil na verdade bem diferente d'aquelle que os seus versos nos fazem entrever. Um dos motivos d'esta opposição entre a realidade historica e o facto litterario, é a *corrente mendiga* que, segundo justamente observa Camillo Castello Branco, vem através dos nossos poetas, e que só exactamente em Nicolau Tolentino se interrompeu.

Valendo-se de uma riquissima serie de documentos, colligida com um amor inexcédível da verdade e uma constancia inabalavel, e socorrendo-se tambem de umas memorias ineditas de Tolentino, escriptas por uma de suas irmãs (D. Joaquina Thereza Froes de Brito), — conseguiu o auctor do livro de que nos occupámos, provar:

Que Nicolau Tolentino de Almeida era filho do dr. José de Almeida Soares (descendente de uma familia nobre e honrada) e de sua mulher e prima D. Anna Thereza Froes de Brito, filha unica de José do Couto Carvalhaes, fidalgo cavalleiro da casa real;

Que o dr. José de Almeida Soares teve sete filhos, a quem deu esmerada e dispendiosa educação;

Que o pae de Tolentino viveu sempre abastada e nobremente, não correspondendo, portanto, á verdade os versos em que o poeta declara que foi *nascido em baixa pobreza*;

Que Nicolau Tolentino nasceu depois da meia noite de 9 de setembro de 1740, em Lisboa, na calçada de Santo André, na casa que hoje tem os n.ºs 26, 28 e 30;

Que, tendo terminado, já em Coimbra, os estudos preparatorios, frequentou (com interrupções) o curso de direito, — não sete annos como Tolentino diz, mas apenas seis;

Que em 1767, foi nomeado professor regio de rhetorica e poetica, vencendo annualmente 450.000 réis;

Que cinco annos depois, comprou a renuncia de Francisco Gomes Catella ao habito da ordem de Sant'Iago, com 120.000 réis de tença em cada anno;

Que em 1778, o dr. José de Almeida Soares renunciou em seu filho o habito da ordem de Christo, com 300.000 réis de tença effectiva, não podendo Tolentino accceitar a renuncia, por ser professo na ordem de Sant'Iago, e negociando-a, no anno seguinte, pela quantia de 500.000 réis;

Que em 21 de julho de 1781, foi nomeado official praticante da secretaria do reino, sendo promovido, dois annos depois, a official ordinario, com o ordenado de 700.000 réis, e o direito a emolumentos que subiam, annualmente, a cerca de 1.800.000 réis;

Que o poeta foi agraciado: — com o habito de Christo, em 1793; com a aposentação de professor regio, vencendo metade do ordenado, em outubro de 1803; e por ultimo, no anno seguinte, com a pensão annual de 200.000 réis, que, por sua morte, passaria a suas tres irmãs, D. Anna, D. Joaquina e D. Jeronyma;

Que o poeta vivia unicamente com sua irmã D. Anna, e, poucos mezes depois da morte d'esta sua de-

dicada companheira de trinta e um annos, falleceu, a 22 de junho de 1811, na casa da rua dos Caradaes de Jesus a que actualmente cabe o n.º 25<sup>1</sup>.

Tolentino, — diz o sr. Visconde, — era tافل, jogava as armas, tinha intimidade com toda a juvenil nobreza do seu tempo, e, embora não fosse jogador professo, dava-se, no entanto, ao jogo; — como distracção, e porventura para «captar sympathias entre os fidalgos, expondo praticamente o seu finissimo trato á prova dos que lhe poderiam ser uteis».

Um dos seus amigos, foi seu primo, o dr. José Benifacio de Andrada e Silva; e os seus mais dedicados protectores, os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Gastador sem emenda, verdadeiro epicurista, o poeta deixou pouco mais de dezoito mil cruzados. Somma valiosa para aquelle tempo, mas decerto muito inferior á que os seus rendimentos lhe teriam permitido legar, sem sacrificio.

Creio que este rapido summario das conclusões (documentadas) do interessantissimo estudo «*Memorias de Tolentino*» é bastante eloquente para que eu possa dispensar-me de elogios. Não terminarei, comtudo, sem ter expressado um voto: — o de que em breve alguém nos dê o retrato completo de Tolentino, pondo-lhe como fundo a vista geral do seculo XVIII, seculo assignalado por tão profundas transformações no governo das sociedades, e na organisação das sciencias, de que então foram feitas as mais admiraveis e as mais uteis applicações: — a vaccina, o pára-raios, o thermometro, a machina de vapor...

O trabalho do senhor Visconde de Sanches de Baéna, tornando completa e seguramente conhecido o homem, nas suas mais insignificantes particularidades biographicas, permite que o retrato seja verdadeiro, expressivo, luminoso.

José PERNANHA.

<sup>1</sup> Esta casa foi comprada, ha annos, por Eduardo Coelho, que a transformou n'uma luxuosa habitação. O conhecido jornalista mandou de novo escudar e collocar nas entradas, *para lembrança*, dois porticos de cantaria, do seculo XVII, que a escada tinha. Registo com prazer este facto, que destaca dos numerosos e inqualificaveis vandalismos, que entre nós tem praticado governos, vereações e particulares...

## HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Instinctivamente o Thomé começou a achar-se bem em casa de D. Florinda, e a procurar a miude ensinjos para lá ir e demorar-se. Eram bonitos para Sarah, era o pedido de um desenho do marido para copiar, era o desejo de ouvir a opinião d'ella sobre um trabalho que tinha concluido, e mil pretextos melhores ou peiores obedecendo ao mesmo pensamento.

A principio Florinda pensou em se oppor áquella insistencia, que poderia compromettel-a; estava nova

ainda, sabia que não era feia, e bem no fundo alimentava a esperanza de poder casar outra vez; mas — não o sabia explicar — foi-lhe faltando a resolução, foi-se sentindo fraca, e deixando invadil-a uma volupia doce ao ver-se assim requestada e appetecida, e depois, francamente, o Thomé não lhe desagradava.

Sentia latejar-lhe um sangue quente e novo quando elle lhe apertava a mão, e admirava-lhe aquella saude robusta e franca de bello provinciano sadio...

E, sem saber como, uma tarde deliciosa de verão em que elle fôra visital-a, a pretexto de lhe pedir para ir passear com Sarah, que elle aliás vira perfeitamente que havia saído com outra pequena do predio fronteiro, Florida, que não tivera animo de lhe fechar a porta, demorando-se mesmo mais proximo d'elle que de ordinario, e que parecia dominada pela quietação dolente e suave d'essa hora traiçoeira do sol posto, em que a natureza toda n'uma como que quebreira ideal parece repousar das fadigas do dia, enquanto os ultimos raios vão deixando no ar uns tons alaranjados e tennes, esfumando-se ao longe no horizonte indefinido, repentinamente, bruscamente, achou-se nos braços d'elle...

Estava, pois, escripto que ella seria d'esse simples obscuro rapaz, cuja historia ainda não havia muitos mezes soubera em todos os seus promenores e incidentes, e contada por elle proprio?

Santo Deus! as mulheres eram fracas e como os homens, lacaíos ou nobres, eram todos os mesmos, traiçoeiros e calculistas!

Porque elle é que tivera a culpa, está bem claro. Fôra-se insinuando pouco a pouco, o sonso, desfazendo todas as resistencias, amollentando todas as repugnancias, diluindo todos os escrupulos, conquistando-a no seu affecto de mãe, lisonjeando-a na sua vaidade de mulher, e tudo isso doceamente, hypocritamente, lentamente!

— E já então ser a amante do sr. Thomé, caixeiro do armazem do sr. Libanio?

E ao pensar n'isto vinha-lhe um desgosto profundo de si propria, um tedio immenso do amor e dos homens, um quasi desgosto de viver, poisque a vida era tão suja.

Mas — perguntava — como é que ella, fina, cautelosa, absolutamente senhora de si, se entregára a esse rapaz, que bem poucos mezes antes lhe era quasi um desconhecido?

Pois resistira ao Lazaro Castro, um conquistador emerito, que chegára realmente a amal-a, tivera a coragem e o sangue frio bastante de pôr uma vez na rua um antigo amigo de seu marido que lhe dissera algumas phrases mais cruas, não chegára mesmo a attentar na côrte respeitosa e assidua que durante tantos mezes lhe fizera um pobre rapaz ingenuo e melancholico, e já a final cair, aonde e como?

Decididamente alguma nuvem lhe toldára o juizo, e, quem sabe, talvez fosse d'aquelle dia quente de maio, desusadamente quente até, que a perturbára, que a enlanguescêra, que lhe tirára a força, que lhe tirára a lucidez.

Uma tolice assim! Mas a final tudo se poderia remediar ainda. Nunca mais abria a porta a esse importuno; no proximo semestre mudar-se-ia para um sitio bem distante e bem desconhecido, sairia de Lisboa mesmo, porque não?

Seria na sua vida uma breve e ligeira aventura, que nenhuma consequência poderia ter.

Ao mesmo tempo, porém, uma voz que ella não sabia bem d'onde vinha, mas que seguramente partia de algum recesso intimo do seu ser, segredava-lhe, absorvente e insidiosa, que o Thomé a final era um bello rapaz, delicado, prudente, respeitoso, que a amava e que lh'o provará, e que enfim ella mesmo não seria capaz de lhe fugir, porque tambem vibrára com elle.

E a uma revolta mais agitada de Florinda, que parecia ter sentido a impressão de um ferro em brazas, a mesma voz escarninha continuou mais imperiosa e terminante, que não, não lhe fugiria, pois que se não o amava já, havia de amal-o, e com todo o seu sangue.

E a pobre mãe, que n'aquelle mesmo momento via irromper-lhe pelo quarto a figura graciosa e fresca da sua Sarah, cujas risadas ingenuas como que enchiam o ar, abraçou-se á filha a chorar, sem poder explicar se de raiva, se de alegria, se de tristeza ou se de tudo isto a um tempo.

(Continua.)

### VADE-MECUM DO TYPOGRAPHO

A livraria Hayes, de Bruxellas, acaba de publicar com o titulo acima um livro que esta revista não pôde deixar de recomendar vivamente.

Devido á penna de mr. Jean Dumont, antigo typographo, corrector proto (*metteur en pages*) e actualmente director de fundição e da escola professional, o auctor, diz o jornal de onde extractámos esta noticia, passou por todos os trabalhos que ensina com uma competencia, que é raro encontrar reunida no mesmo homem, e o seu livro tem capitulos de um alto valor, devendo entre outros especialisar-se o que consagra ás *imposições* que para os profanos se pôde traduzir pela disposição das paginas, de maneira a darem a sequencia que ellas nos apresentam no livro. É alem d'isso acompanhado de uma tabella de signaes de corrección muito recommendavel para evitar as chamadas *gralhas* (erros de imprensa).

Muitas revistas technicas têm apreciado com justo louvor esta por tantos titulos curiosa e importante obra, que, parece que é — como a final não podia nem devia deixar de ser — um verdadeiro primor typographico.

### ASSUMPTOS VARIOS

... A responsabilidade do homem desaparece diante das fatalidades hereditarias e da influencia do meio; não ha crimes historicos, nem crimes sociais; a grandeza, o heroismo, o amor, a fé, o genio, tudo são acções mechanicas, e não direi inconscientes, porque se elimina a consciencia.

A liberdade é uma mentira desde que o homem obedece sempre a fatalidades ineluctaveis; a fraternidade é uma illusão desde que a lucta pela vida é a lei suprema das sociedades humanas; a igualdade é um absurdo desde que se desvaneceu a alma, essa vibração divina que pulsa igualmente nos cerebros

dos grandes da intelligencia e dos humildes do entendimento, desde que o homem não é senão uma modificação do anthropoide, modificação que percorre uma larga escala desde o Boschiman da Africa, vizinho do orangotango, até Edison, da America, vizinho do Creator... (*Elogio historico de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, por Manuel Pinheiro Chagas, socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa.*)

—É preciso ter fé na epocha em que vivemos, a imposição da força não pôde dominar por longo tempo; já lá se foram esses dias; o seu reinado findou; hoje a publicidade invade as altas regiões dos governos; a discussão entra por toda a parte; hoje, quando não ha outra sancção para as injustiças do mundo, ha a grande sancção da solidariedade humana; todo o sofrimento tem um echo; todo o mal é commum.

«O progresso é o juiz que não pára; vae por toda a parte assignalando novos caminhos á justiça da terra; o telegrapho; as estradas de ferro; a navegação fluvial; a facilidade e augmento das trocas; os congressos de beneficencia, de estatistica e mil outros; as exposições industriaes; em uma palavra, o desenvolvimento social e material vae transformando o mundo; as barreiras caem, as fronteiras desaparecem, os mares approximam-se; cortam-se os istmos, e os olhos cansados do espectaculo magestoso sonham o universo, em vasto mercado de objectos, de ideal, de sentimentos! Quem viola a justiça offende a propria existencia, colloca-se em desconfiança com o mundo inteiro, tem sobre a sua cabeça essa censura necessaria, verdadeira sancção no actual direito das gentes...»

*Uma voz* — Leva-se pancada como d'antes.

*O orador* — Resisti, triumphareis; humilhae-vos, as pancadas crescerão. (*Excerptos de um discurso proferido pelo eloquentissimo orador José Bonifacio.*)<sup>1</sup>

—O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte; deve, como o apóstolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contém. Em nosso paiz, na pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pincaro agreste da serra, na terra, no céu e nas aguas, por toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de graval-o na consciencia do homem! (*Idem.*)

J. A. DIAS.

<sup>1</sup> Pôde ver-se *Novo Almanach de Lembranças*, luso-brazilero, para o anno de 1890, auspiciosamente fundado por Alexandre Magno de Castilho, e continuado pelo sr. dr. Xavier Cordeiro, cujas produções lhe dão logar preeminente na galeria dos melhores poetas contemporaneos.

O que quer adquirir o verdadeiro saber deve adoptar como regra fundamental não tomar as palavras pelas cousas.

LOCKE.

Já não era bastante a peste, a guerra e a fome para castigar os nossos vicios; ainda é preciso que as nossas mulheres sejam sabias!

YOUNG.